

Campanha leva à falta de papel

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Alerta no parque gráfico do Distrito Federal: vai faltar papel em todo o País nos próximos meses, e quem tiver condições de estocar em grande escala o produto vai ganhar muito dinheiro. São dois os principais motivos da possível falta de papel no mercado — a realização das eleições municipais este ano e a promulgação da nova Constituição, que será impressa aos milhões, como prevê uma emenda, já aprovada, neste sentido. A análise é de Celso Pagy, diretor superintendente da gráfica brasileira, a maior da Região Centro-Oeste, com grande experiência em serviços eleitorais prestados não somente para Brasília, mas para os mais diversos pontos do País.

Só para São Paulo, a gráfica imprimiu 500 toneladas de papel nas últimas eleições, tendo como seu maior cliente o empresário Antônio Ermírio de Moraes.

Segundo Pagy, todo o mercado gráfico de Brasília apresenta-se hoje recessivo. Na Brasileira, a ociosidade atinge 70%. Com a febre eleitoral, estima, a gráfica entra no "pique", trabalhando 24 horas por dia,

utilizando 100% da sua capacidade instalada. Foi pensando nisso que ele decidiu importar uma sofisticadíssima máquina Heidelberg Speedmaster, para impressão em cinco cores, alemã. Segundo Pagy, só existem duas iguais no Brasil: a dele e a da Editora Abril, que imprime a revista *Veja*.

Efeito-Constituinte

Levando em conta os 4.500 municípios brasileiros e o número de partidos em condições de lançar candidatos, Pagy diz que serão lançados, no mínimo, 45 mil candidatos em todo o País, que vão consumir 75 mil toneladas extras de papel.

Na verdade, sua base de cálculo é modesta. Somando-se os candidatos a prefeito e a vereador, esse número atinge a marca dos 2 milhões, embora boa parte não use recursos de propaganda dispendiosos. "Mas — ressalta Pagy — o valor de demanda extra de papel vai ficar muito acima disto, se for considerado o 'efeito-Constituinte', que significa a impressão de milhões de edições do próprio texto e de análises e textos explicativos."

Além de ganhar na quantidade, com as eleições municipais, as gráficas ganham também no preço. Isto,

para Pagy, não se trata de um oportunismo, mas de uma realidade de custos. Num mercado recessivo, somos obrigados a aviltar nossos preços e a trabalhar com custos elevados, impostos pela ociosidade. "Com o superaquecimento da demanda — destaca — os preços voltam à realidade, e quase dobram, em alguns casos."

Santinhos

Para atender a toda a demanda provocada pelas eleições, afirma Pagy, seria necessário que o País tivesse um parque gráfico dez vezes maior que o atual. O certo é que muitos políticos acabam ficando sem ter o serviço, por falta de gráfica, por falta de papel. Talvez, por isso, muitos políticos dos grandes centros montam as suas próprias gráficas, e se desfazem delas ao final das eleições.

Mas mesmo estes políticos acabam recorrendo às gráficas estatais e privadas, porque suas máquinas não são suficientes. Nas últimas eleições, Antônio Ermírio de Moraes chegou a fazer uma encomenda inusitada de santinhos — cartão de propaganda com foto — para a Brasileira: "Não se preocupem com a quantidade. Imprimam o que puderem".

3 JUL 1988